

# Cecilia Meireles – I (um)

O rumor do mundo vai perdendo a força,  
e os rostos e as falas são falsos e avulsos.  
O tempo versátil foge por esquinas  
de vidro, de seda, de abraços difusos.

A lua que chega traz outros convites:  
inclina em meus olhos o celeste mapa,  
desmorona os punhos crispados do dia,  
desenha caminhos, transparente e abstrata.

Árvores da noite... Pensamento amante...  
– Transporta-me a sombra, na altura profunda,  
aos campos felizes onde se desprende  
o diurno limite de cada criatura.

É a noite sem elos... Inocência eterna,  
isenta de mortes e natividades,  
pura e solitária, deslembrada, alheia,  
mudamente aberta para extremas viagens.

Eu mesma não vejo quem sou, na alta noite,  
nem creio que SEJA: perduto em memória,  
à mercê dos ventos, das brumas nascidas  
nos dormentes lagos que ao luar se evaporam.

Recebo teu nome também repartido,  
quebrado nos diques, levado nas flores...  
Quem sabe teu nome, – tão longe, tão tarde,  
tão fora do tempo, do reino dos homens...?

**Cecilia Meireles, Doze noturnos da Holanda**